

dela proclama a mulher, nada mais que a mulher! Você não é dessas moças de anca em botão, como as dos rapazes. Tem-na como os homens gostam: das que os comovem. Uma anca que poderia carregar o mundo.

Enquanto assim falava esquisitamente acariciava-lhe as nádegas, como se elas estivessem queimando-lhe as mãos. E as pontas de seus dedos tocaram as duas aberturas do corpo de Constance, uma após a outra, como uma suave escova de fogo.

— E se você faz cocô e mija tanto melhor. Não quero saber de dama que não faz cocô nem mija.

Constance não pôde reter uma gargalhada, mas Mellors continuou:

— Você é verdadeira. Ah! É verdadeira e um pouco prostituta! Aqui você faz cocô e aqui mija; e eu ponho a mão nos dois lugares porque amo tudo isto. Tem uma verdadeira bunda de mulher, orgulhosa de si mesma, sem vergonha de si mesma.

Sua mão comprimia aquelas partes secretas numa espécie de íntima saudação.

— Gosto disto, gosto disto, dizia. E se eu vivesse apenas dez minutos e nesse momento acariciava esta bunda e aprendesse a conhecê-la, já teria vivido toda uma vida. Compreende? É tanto pior para o sistema industrial. Isto é um dos momentos de vida.

Constance sentou-se em seus joelhos e abraçou-o.

A idéia da separação estava no fundo dos dois. Uma tristeza invadiu Mellors.

Sentada sobre as coxas do amante, a cabeça contra o seu peito, as pernas de marfim entreabertas, Constance deixava-se contemplar pelo homem. Mellors tinha os olhos nas dobras daquele corpo de mulher batido pelos clarões da lareira, naquele toão de macios pêlos castanhos, penujantes entre as coxas entreabertas. Sua mão tomou da mesa uma porção de flores por ela colhidas, ainda tão molhadas que respingavam.

— As flores ficam ao relento toda a vida, disse ele. Não têm casa.

— Nem mesmo uma cabana! secundou Constance.

Com os dedos tranqüilos Mellors entreteceu alguns mióssotis no toão castanto da mulher.

— Ai! Os "forget-me-not" devem ficar aqui...

Constance desceu os olhos para as belas florinhas azuis entretecidas nos seus pêlos castanhos de entre as coxas.

— Que lindo! exclamou.

— Belo como a vida, acentuou Mellors e espetou-lhe também nos cabelos um amor-perfeito silvestre.

— Ai! Este representará no lugar de que não se esquece nunca; Moisés entre as algas.

— Não faz nada a você, isso da minha partida? perguntou ela inquieta, encarando-o a fito.

O rosto de Mellors parecia indecifrável; nada era possível ler nele.

— Você fará a sua vontade, foi a resposta, em inglês correto.

— Mas eu não irei se você não quiser, disse Constance, comprimindo-o contra si.

Houve um silêncio. Mellors baixou-se para meter mais uma acha na lareira; Constance esperou mas não veio nada.

— A mim me parece, continuou ela, que esta viagem será um primeiro passo na minha ruptura com Clifford. Tenho muita vontade de ter um filho. A viagem seria uma ocasião de...

— De o fazer engolir alguma mentira, concluiu Mellors.

— Sim. Isso, além de outras coisas. Quereria você que todos soubessem a verdade? Eu, de mim, não quero. Não quero que me dissequem com suas línguas glaciais — pelo menos enquanto estiver em Wragby. Quando me vir longe daqui, que pensem o que quiserem.

Mellors perguntou depois de uma pausa:

— Mas Sir Clifford conta que você volte?

— Sim, é preciso que eu volte.

Novo silêncio.

— E a criança nasceria em Wragby?

Constance passou-lhe o braço pelo pescoço.

— Se você não me quiser levar antes, nascerá!

— Levá-la para onde?

— Não importa para onde — para longe, para bem longe de Wragby.